



Eixo: Ética, Direitos Humanos e Serviço Social.

Sub-eixo: Ética, Direitos Humanos e enfrentamento das expressões cotidianas da alienação e da barbárie.

APROXIMAÇÕES AO DEBATE SOBRE CULTURA E SERVIÇO SOCIAL NA CONTEMPORANEIDADE

ELIANA MOURGUES COGOY¹

Resumo: Este trabalho, decorrente de estudos bibliográficos, objetiva uma reflexão a partir de considerações de Raymond Williams sobre o significado da cultura, suas repercussões na vida social e para o Serviço Social, uma vez que as transformações societárias alteram tanto as relações sociais quanto as profissões. No último período em que as políticas sociais tiveram um papel importante para o enfrentamento da desigualdade social é imperativo compreender os impactos na cultura dos subalternizados e as possibilidades de emancipação tendo em vista o projeto ético político da profissão.

Palavras-chave: Cultura; Serviço Social; Projeto ético-político.

Abstract: This work, based on bibliographical studies, aims to reflect on Raymond Williams' reflections on the meaning of culture, its repercussions on social life and on Social Work, since societal transformations change both social relations and professions. In the last period in which social policies played an important role in tackling social inequality, it is imperative to understand the impacts on the culture of subalternates and the possibilities of emancipation in view of the ethical political project of the profession.

Keywords: Culture; Social Work; political project of the profession.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho, decorrente de estudos bibliográficos, objetiva uma reflexão sobre o significado da cultura, suas repercussões na vida social e para o Serviço Social, uma vez que as transformações societárias alteram tanto as relações sociais quanto as profissões.

A importância se justifica na compreensão de que a cultura, com base em Williams (2011) é uma reação geral a uma mudança geral e significativa nas

¹ Professor com formação em Serviço Social. Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: <elianacogoy@gmail.com>

condições de nossa vida em comum. Portanto, diz respeito aos modos de vidas, as formas de produzir e reproduzir das classes sociais, as formas de consciência (MOLJO; SOUZA; TIMÓTEO; SILVA, 2012). Nesse sentido, interessa ao Serviço Social visto a função pedagógica orientada na contemporaneidade pelo projeto ético político da profissão (PEP).

Importa numa sociedade de classes, cuja desigualdade social se estrutura como indicam os dados da Pesquisa Nacional de Suprimentos Domésticos (PNAD 2011) que entre 2001 e 2011 o crescimento real da renda dos 10% mais pobres foi de 91,2% enquanto os 10% mais ricos, o crescimento foi de 16,6%. Ou seja, parte do crescimento dos mais pobres devem-se às políticas sociais, em especial as de transferência de renda implantadas no país no período, em que pese os baixos valores transferidos para os beneficiários e a dívida social existente com os mais pobres.

Ainda, de acordo com a PNAD (2011) o crescimento da renda em 2012 foi excepcionalmente forte em todas as camadas da pirâmide social brasileira. Dividindo a população em dez partes iguais ordenadas pela renda familiar per capita, a menor taxa de crescimento observada foi a do segundo grupo mais rico, de 6,5%. O maior crescimento foi o dos 10% mais pobres, cuja renda cresceu 14%, ajustada pela inflação. Os 10% mais ricos obtiveram crescimento de 8,3%. Os 40% mais pobres de 9,9% (PNAD, 2011).

A pesquisa afirma que, se a população fosse dividida em frações menores, seria possível observar que a renda dos 5% mais ricos cresceu 9,4%, dos 1% mais ricos cresceram 16,1%, mas, ao mesmo tempo, 5% dos mais pobres cresceram 20%.

Em consonância com a PNAD (2011), entre os 12% mais ricos, a desigualdade aumentou em 2012. Em compensação, a renda aumentou para qualquer fração mais pobre da população, chegando a 88% do total. Assim, mesmo com a desaceleração da queda das medidas sintéticas de desigualdade, a melhora observada na distribuição de renda em favor dos mais

pobres contribuiu para que a queda da pobreza extrema fosse ainda maior que a média de crescimento (8%). Com esse padrão de alto crescimento favorável aos pobres, a proporção de pessoas abaixo da linha oficial de extrema pobreza (R\$ 70 per capita em julho de 2011) corrigida pela inflação caiu de 4,2% em 2011 para 3,6% em 2012, quando 6,5 milhões de pessoas viviam nessa situação.

Souza (2009) entende que o tipo de modernização que ocorreu no Brasil gerou consequências devastadoras, como a desigualdade e a exclusão social, e que esses aspectos não são explicados apenas pela ordem econômica, nem mesmo pelos aspectos raciais e culturais (hibridismos, mestiçagens) defendidos pelo sociólogo Gilberto Freyre. A questão fundamental do Brasil moderno, de acordo com Souza (op. Cit.) é a constituição de uma classe chamada "abandonados sociais", uma classe que não está ligada apenas por uma questão de renda, mas também por relação familiar, afetiva e padrões sentimentais de comportamento, que geram disposições para o comportamento.

Neste cenário de tanta desigualdade social onde as políticas sociais têm um papel fundamental na mediação dos interesses de classe e, em sendo campo de trabalho dos assistentes sociais, é imperativo compreender os impactos na cultura dos subalternizados e as possibilidades de emancipação a partir dos dados apresentados, mesmo que nesse momento o país se encontre num momento de total retrocesso dos poucos direitos sociais efetivados.

Para tanto, primeiramente, serão apresentados estudos desenvolvidos por Raymond Williams, especialmente, as suas contribuições para a ideia de cultura e posteriormente como esses entendimentos se articulam com o Serviço Social.

2. CONSIDERAÇÃO SOBRE A IDEIA DE CULTURA

Raymond Williams (1921-1988) é considerado um dos grandes sociólogos da cultura na atualidade, sendo um dos precursores dos Estudos Culturais britânicos. Sua perspectiva diferencia-se na forma crítica de analisar a história literária, compreendendo a cultura como categoria-chave para a realização da investigação social. Sua inspiração teórica inicial se alimenta da crítica à teoria marxista (relacionada com Gramsci, Lukács, Goldmann, Brecht, Althusser entre outros), alterando para uma nova síntese do pensamento marxista, conhecida como *materialismo cultural*. Como formulação de uma nova teoria da cultura, a proposta de Williams se centra na dimensão material e produtiva da cultura, ou seja, o autor buscou compreender a cultura como espaço de luta e de transformação a partir das bases materiais e históricas. Diante disso, faz-se necessário entender dois conceitos que são fundamentais para o materialismo cultural: a teoria da “hegemonia” de Gramsci (que abre um vasto campo de possibilidades políticas, bem mais flexível que o modelo marxista clássico, um conceito que diz respeito ao processo na sociedade civil em que uma parte da classe dominante exerce o controle sobre outras frações aliadas da classe dominante e também que expressa a relação entre as classes dominantes e as dominadas). Outro conceito central é caracterizado pelo termo “estrutura de sentimento” que significam elementos mais particulares dentro da cultura mais geral, que segundo Cevalco (2001), indicam uma nova articulação na qual se pode assentar uma política transformadora. Desta forma, as estruturas de sentimentos são suscitadas pela interação imaginativa e das práticas culturais e sociais de produção e resposta, as quais são em essência, práticas sociais de comunicação reflexiva de experiência que estão no centro dos processos de estabilidade e mudança das sociedades humanas. Sendo assim, uma questão fundamental para o materialismo cultural está em compreender a inter-relação entre textos, arte, cultura, formações sociais e mudança social.

Destaca-se que, uma das bases de Raymond Williams, está diretamente relacionada a sua vivência na sala de aula com assuntos cotidianos referentes às mudanças culturais que a Inglaterra passava na década de 1950. Durante este período houve o fortalecimento da industrial cultural, a qual propiciou o aumento da comunicação em massa, impondo métodos de reproduções de bens que são padronizados para atender necessidades que parecem ser comuns a todos. Decorrente disso, aparece como necessária uma nova postura para interpretar as relações culturais presentes naquele momento histórico, para além da esfera político-econômica. Neste sentido, Raymond Williams compreende que as estruturas da sociedade capitalista são sustentadas para além da propriedade econômica e do poder político. Conforme Escosteguy (1998, p. 90) “os estudos culturais atribuem à cultura um papel que não é totalmente explicado pelas determinações da esfera econômica”. Para a autora, a perspectiva marxista contribui para a compreensão da “autonomia relativa” da cultura, que apesar de não ser dependente nem reflexo das relações econômicas, ela tem influência e sofre as consequências das relações político-econômicas.

Com a finalidade de obter mais elementos sobre as obras de Raymond Williams, busca-se este aporte em Cevasco (2001), a qual afirma que a obra do autor possibilita pensar uma nova mutação do capitalismo, como resposta a um novo desenvolvimento de organização social e seus efeitos na crítica da cultura. No seu sentido etimológico, tem-se que “cultura” vem do latim, onde *colere* significa “habitar” (daí colono), “adorar” (daí culto) e também “cultivar”, sentido de cuidar aplicado tanto a colheita quanto a animais. Segundo Cevasco, “*Culture* começa a ser usada extensivamente como abstração de um processo, ou como produto de um processo de desenvolvimento mental ou espiritual a partir do século XIX” (2001, p. 45).

Cevasco (2001, p. 47) assinala que para Raymond Williams, a cultura é ordinária e envolve a noção de experiência, uma vez que ela engloba a esfera

da vida cotidiana que se dá em diversos níveis e do qual todos participam: “a cultura é de todos”. Isto implica um conceito mais alargado de cultura, estabelecendo um tensionamento ao olhar hegemônico de cultura, compreendendo que ela não deve se configurar como privilégio de alguns:

Um conceito de cultura que permita compreender não apenas os monumentos e artes, mas também que é nosso próprio modo de vida que nos possibilita entendê-los. (CEVASCO, 2001, p. 48).

O entendimento sobre o conceito de cultura para Raymond Williams carrega em si o entendimento de que a mesma pode ser analisada sobre diferentes enfoques, a partir das relações que são estabelecidas. Como o próprio autor afirma, “a cultura no sentido restritivo das artes sempre foi produzida pela ou para uma classe dominante” (CEVASCO, 2001, p. 51). Sendo desta maneira, a cultura se constitui de um processo seletivo que acaba por excluir todas as demais formas de expressão e de formação de significados e valores. Considerando esta questão, Williams tem como contribuição central do seu pensamento a rubrica de “pensar novas maneiras” de se abrir a possibilidade para a uma cultura comum. De acordo com Cevasco (2001), o discurso sobre cultura registra as diferentes reações às mudanças na organização da vida social e formula grandes questões que orientam como uma sociedade se coloca. Isto pressupõe tentar entender a significação social. Segundo Williams,

O problema, historicamente variável, de ‘indivíduo’ e ‘sociedade’ ganha uma definição nítida e específica, na medida em que ‘sociedade’ torna-se uma abstração e o coletivo só flui através dos canais mais voltados para o interior. (1989, p. 332)

Williams afirma que as versões sociais da comunidade são vistas como ‘mito’ as quais sob uma ou outra de suas formas é a única consciência coletiva a que se tem acesso. Quando se busca a compreensão da significação social é

preciso identificar os relacionamentos estabelecidos e suas causas sociais, para então encontrar meios sociais de transformação.

Ao tratar sobre as relações entre campo e cidade, Raymond Williams assinala que ambos são realidades históricas em transformação, tanto em si próprias, quanto em suas inter-relações.

O contraste entre o campo e a cidade é de modo claro, uma das principais maneiras de adquirirmos consciência de uma parte central de nossa experiência e das crises de nossa sociedade. (WILLIAMS, 1989, p. 387)

Cabe ressaltar que a obra “O Campo e a Cidade na história e na literatura” de Raymond Williams retrata o contexto histórico-cultural inglês, entre os séculos XVIII e XIX, ressaltando que em toda a longa história das comunidades humanas, a Inglaterra foi a primeira a fixar conformações urbanas. O interesse do autor pelas transformações advinda do rural e do urbano está interligada com a vida pessoal do autor. Para tanto, buscar o passado, remete uma tentativa de melhor compreender o presente e a oposição entre campo e cidade revelam a maneira mais evidente da sedimentação do mundo capitalista, direcionado ao mercado e ao lucro. O produto estabelecido nesta relação campo e cidade demonstram que estes espaços não pertencem a massa operária ou campesina, ou as camadas mais baixas da sociedade, o que significa que eles são da elite burguesa capitalista. Partido desse entendimento, a seguir, apresentam-se algumas considerações através de um olhar do Serviço Social.

3- CONTRIBUIÇÕES DA IDEIA DE CULTURA PARA O SERVIÇO SOCIAL

Raymond Williams compreende que a necessidade da análise materialista da cultura tem como parte central a história do desenvolvimento e

uso social dos meios. Isto convoca a entender a relação entre eles e as formas sociais nas quais são usados e as relações entre os meios, as formas sociais e a forma mais propriamente artística.

Nos termos do materialismo cultural os meios de comunicação são meios de produção e, nesse sentido, sua apropriação é parte importante de uma agenda socialista. (Cevasco, 2001, p. 225)

Como expõe a autora, Williams assegura a necessidade de incluir a transformação dos meios de acesso e de extensão para incluir a transformação uma vasta gama social e inter-cultural até então inexistente. Nos seus estudos Williams afirma que há um costume de descrever a vida ordinária apenas nos termos econômicos e políticos, seguramente, a ênfase na comunicação preveniria que as pessoas e a sociedade fossem pensadas por meio de fórmulas, que confiam às relações de poder, propriedade e produção.

Cevasco (2001) apresenta o entendimento de Williams sobre o funcionamento da cultura definida como “todo modo de vida” que passa pelos esclarecimentos dos padrões de relações da economia, da política, da história e também da vida cotidiana, na experiência corriqueira.

No livro de Cevasco (2001), há indicações de circulação das obras de Raymond Williams entre estudiosos de assuntos culturais em diversas áreas das humanidades, tais como: literatura, teatro, cinema, ciências sociais, comunicações, artes e etc. Ao fazermos a aproximação inicial com os conceitos apresentados, é possível também com as investigações realizadas pelo Serviço Social. Especialmente, no que tange a capacidade que Williams tem de articular um ponto de vista que envolve concomitantemente: história, economia, política, sociedade e cultura. Ainda que o autor não utilize explicitamente a denominação das “relações de poder”, ela perpassa na discussão alusiva a cultura dominante e a hegemonia gramsciana. Neste sentido, o poder opera não somente no fator econômico (o que muitas vezes limitaria através da análise essencialmente marxista), mas também opera na cultura do vivido, de

uma classe preponderantemente desfavorecida dos mais diversos recursos para exercer sua vida de forma digna e plena. Ao tecermos o olhar para estas questões, de que Williams procura direcionar seus estudos a favor de uma cultura comum, de valores, práticas e significados que possam ser compartilhados por toda uma sociedade, sem divisão de classes, afinam-se perspectivas de investigações científicas também, para a área do Serviço Social, a qual prima por defesa de direitos, de justiça e de equidade social. Para tanto, torna-se necessário compreender a profissão no movimento histórico da sociedade, como produto das relações sociais.

Dessa forma, a reprodução das relações sociais é a reprodução de determinado modo de vida, do cotidiano, de valores, de práticas culturais e políticas e do modo como se produzem as ideias nessa sociedade. Ideias que se expressam em práticas sociais, políticas, culturais e padrões de comportamento e que acabam por permear toda a trama de relações da sociedade (YAZBEK, 2000, p.89).

Entender a reprodução das relações sociais permite ao Serviço Social identificar nas classes subalternas os modos de vida, do cotidiano, de valores e práticas culturais, propiciando o conhecimento dos sujeitos sociais envolvidos, os quais constroem suas vidas e suas histórias. Quando os sujeitos realizam esta construção, eles se transformam e transforma a sociedade.

Aproximar-se da realidade social e particular dos sujeitos sociais favorece o planejamento de como intervir nas mais diversas realidades apresentadas. Do ponto de vista do trabalho profissional, o assistente social precisa apreender a realidade e efetivar seus processos de trabalho a partir do seu conhecimento e de suas técnicas compreendendo que a vida está em permanente movimento.

Diante disso, o método dialético crítico se constitui como direção para o cotidiano profissional do assistente social. Para melhor entendimento deste método é essencial considerar três categorias chaves que são: contradição, totalidade e historicidade. Ao querer compreender o desenvolvimento da

realidade, é necessário reconhecer que, na perspectiva dialética, a contradição é o princípio básico do movimento da existência dos seres humanos. É precisamente por causa do movimento de suas contradições que a sociedade capitalista se mantém. Mas nunca pode compreendê-lo sem colocá-lo em sua totalidade, considerando que “a totalidade não é um todo já feito, determinado e determinante das partes, não é uma harmonia simples, pois não existe uma totalidade acabada, mas um processo de totalização a partir das relações de produção e de suas contradições” (CURY 2000, p. 35).

Na dialética marxista, a atividade humana é entendida como um processo de totalização, uma visão global que nunca pode ser vista como definitiva e acabada, porque a realidade está sempre em processo de transformação social. Segundo Cury (2000, p.36): “a totalidade implica uma complexidade em que cada fenômeno só pode vir a ser compreendido como um momento definido em relação a si e em relação aos outros fenômenos”.

Nessa perspectiva, um fenômeno deve ser entendido no conjunto de suas relações e vinculado aos aspectos e manifestações da realidade apresentada, na qual o homem se manifesta como criador da história:

é o homem, como sujeito histórico real, que no processo social de produção e reprodução cria a base da superestrutura, forma a realidade social como totalidade de relações sociais, instituições e idéias; e nesta criação da realidade social objetiva cria ao mesmo tempo a si próprio, como ser histórico e social, dotado de sentidos e potencialidades humanas, e realiza o infinito processo da ‘humanização do homem (KOSIK, 1976, p. 51).

Assim, o homem, na condição de sujeito histórico social, cria novos fatos a partir dos existentes. Ele gera conhecimento que é articulado com o movimento da realidade, garantindo o avanço da história humana. A categoria historicidade envolve o princípio de que a história só é possível quando o homem nem sempre começar de novo, desde o início, mas está ligada ao trabalho e os resultados obtidos pelas gerações anteriores (KOSIK, 1976).

As três categorias explicativas da realidade, citadas guiam a compreensão da realidade e as relações e contradições existentes, no lugar e no tempo, como parte de um todo que está inter-relacionado: uma sociedade política, econômica e cultural.

Cumpramos ressaltar que essa aproximação do Serviço Social com a teoria social crítica foi impulsionada pela conjuntura histórica do Movimento de Reconceitualização da profissão, propiciando que o mesmo alcançasse as condições de ruptura com o Serviço Social tradicional e com o conservadorismo que predominava hegemonicamente na profissão desde sua origem.

Os ganhos relacionados ao adotar a perspectiva marxista favoreceram a construção de um projeto profissional denominado “Projeto Ético-político”.

O projeto ético-político tem em seu núcleo o reconhecimento da liberdade como valor ético central – a liberdade concebida historicamente, como possibilidade de escolher entre alternativas concretas; daí um compromisso com a autonomia, a emancipação e plena expansão dos indivíduos sociais. Conseqüentemente, o projeto profissional vincula-se a um projeto societário que propõe a construção de uma nova ordem social, sem dominação e/ou exploração de classe, etnia e gênero. A partir destas escolhas que o fundam, tal projeto afirma a defesa intransigente dos direitos humanos e a recusa do arbítrio e dos preconceitos, contemplando positivamente o pluralismo - tanto na sociedade como no exercício profissional. (NETTO, 1999, p. 104-105).

No âmbito da categoria profissional, o projeto ético-político se expressa no Código de Ética do assistente social (1993), na Lei de Regulamentação da Profissão (Lei n. 8.662/93), nas Diretrizes Curriculares da formação em Serviço Social (ABEPSS, 1996), no exercício profissional e outros aparatos normativos que respaldam a autonomia profissional dos assistentes sociais. Conforme Netto,

Esquemáticamente, este projeto tem em seu núcleo o reconhecimento da liberdade como valor central – a liberdade concebida historicamente, como possibilidade de escolha entre

alternativas concretas; daí um compromisso com a autonomia, a emancipação e a plena expansão dos indivíduos sociais. Conseqüentemente, este projeto profissional se vincula a um projeto societário que propõe a construção de uma nova ordem social, sem exploração/dominação de classe, etnia e gênero (NETTO, 2006, p. 15)

Para Netto (2006), este projeto se fundamenta na defesa intransigente dos direitos humanos e no repúdio do arbítrio e dos preconceitos, contemplando de maneira positiva o pluralismo, tanto na sociedade como no exercício profissional.

O Projeto Ético-Político do Serviço Social envolve três dimensões de suma importância na formação e no trabalho profissional, a saber: dimensão teórico-metodológica (utilização do arcabouço teórico para responder as demandas apresentadas), ético-política (compromisso ético assumido pelos profissionais) e técnico-operativa (fazer profissional com os instrumentos e técnicas a serem adotados). Estas dimensões são indissociáveis e asseguram o significado social da ação profissional para responder as expressões da questão social, de maneira qualificada e comprometida para atuar no movimento contraditório das classes. De acordo com Teixeira e Braz,

Ao atuarmos no movimento contraditório das classes, acabamos por imprimir uma direção social às nossas ações profissionais que favorecem a um ou a outro projeto societário. Nas diversas e variadas ações que efetuamos, como plantões de atendimento, salas de espera, processos de supervisão e/ou planejamento de serviços sociais, das ações mais simples às intervenções mais complexas do cotidiano profissional, nelas mesmas, embutimos determinada direção social entrelaçada por uma valoração ética específica. (Teixeira e Braz, 2009, p. 5-6).

Os autores chamam a atenção sobre a direção social como fator que pode favorecer a um ou outro projeto societário. A disputa em última instância está na transformação ou perpetuação de dada ordem social. Entretanto, Netto (2006) salienta que a experiência histórica demonstrou que, a ordem do capital,

por razões econômico-sociais e culturais, mesmo num quadro de democracia política, os projetos societários que respondem aos interesses das classes trabalhadoras e subalternas sempre dispõem de condições menos favoráveis para enfrentar os projetos das classes proprietárias e politicamente dominantes. Trata-se de um jogo de poder que desafia a materialização de um projeto de sociedade que abarque a grande maioria da população brasileira e combata todas as formas de opressão.

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conjuntura social, política e econômica brasileira vêm sofrendo rebatimentos da ofensiva do capital que, seguramente, estabelecem distintos projetos em disputa: um conservador e outro transformador. Associado à este contexto, outro elemento que se faz relevante está relacionado ao entendimento da ideia de cultura. Para Williams, a ideia de cultura consiste na resposta a novos desenvolvimentos políticos e sociais, isto é: a democracia. No seu entendimento, os procedimentos econômicos e políticos organizam a vida social, porém, o campo pelo qual essa organização se expressa concretamente, é através da cultura, do modo de vida real. Sendo assim, a cultura é o modo como a sociedade é concebida e vivida pelos sujeitos.

Em tempos em que os processos democráticos se configuram pelo enfraquecimento das lutas e resistências dos movimentos organizados do trabalho, pela perda da garantia de direitos sociais, o Serviço Social tem em seu projeto ético-político o desafio de avançar seus processos investigativos sobre as experiências sociais vividas no cotidiano dos sujeitos com os quais trabalha, tomando por base a permanência da postura crítica e propositiva que marcou a profissão a partir do momento que a profissão rompeu com as

perspectivas conservadoras de intervenção na vida social. Neste sentido, destaca-se que é preciso o fortalecimento de intervenções qualificadas, ética e socialmente comprometidas com os sujeitos sociais.

Por fim, tem-se o desafio de seguir em frente no aprofundamento dessas e outras questões, de maneira a desvendar visões de mundo, modos de vida, hábitos e crenças referentes às classes subalternas e que estejam relacionados aos estudos de cultura e Serviço Social na contemporaneidade tendo em vista o fortalecimento dos processos de resistência deste cenário de retrocessos.

REFERÊNCIAS

CEVASCO, M. E. **Para ler Raymond Williams**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

CURY, C.R.J. **Educação e Contradição**: elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo. São Paulo: Cortez, 2000.

DA MATTA, R. **A casa & a rua**: Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

ESCOSTEGUY, A. C. D. Uma introdução aos Estudos Culturais. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 9, dez. 1998.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD**, 2011.

KOSIK, K. **Dialética do concreto**. São Paulo: Paz e Terra, 1976.

MOLJO, C. B.; SOUZA, P. A. M.; TIMÓTEO, R. F.; SILVA, R. A. F. . Serviço Social, Projeto ético-político e cultura: as intersecções na intervenção do assistente social que trabalha na implementação da política de assistência social. In: Cláudia Mônica dos Santos, Sheila Backx, Yolanda Guerra. (Org.). **A Dimensão Técnico-operativa no Serviço Social**: desafios contemporâneos. 1ed. Juiz de Fora: UFJF, 2012, v. 1, p. 153-182.

NETTO, J. P. A construção do projeto ético-político do Serviço Social. In: BRAVO, Maria Inês Souza et al. **Saúde e Serviço Social: Formação e trabalho profissional**. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. **A construção do projeto ético-político contemporâneo**. In: Capacitação em Serviço Social e Política Social. Módulo 1. Brasília: CEAD/ABEPSS/CFESS, 1999.

SOUZA J. (2009). **A ralé brasileira: quem é e como vive**. Belo Horizonte: UFMG.

TEIXEIRA, J. B.; BRAZ, M. O projeto ético-político do Serviço Social. In: SERVIÇO Social: direitos sociais e competências profissionais. CFESS/ABEPSS/CEAD/Unb. 2009.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Sociedade. De Coleridge a Orwell**. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. **O Campo e a Cidade na história e na literatura**. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

YAZBEK, M. C. Os fundamentos do Serviço Social na contemporaneidade. **Revista de Capacitação em Políticas Sociais e Questão Social**, São Paulo: Cortez, p., n. 2000.